

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 24, n. 41, Dezembro de 2023

Exílio Ibérico: Bruno Romano Rodrigues
Representações luso-espanholas na fastigimia, de Thomé Pinheiro da Veiga (1604-1605).
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – SP.

Resumo

O presente artigo investiga os possíveis significados da obra *Fastigimia*, escrita pelo letrado português Thomé Pinheiro da Veiga, entre os anos de 1604 e 1605. Prioriza-se a análise das representações relativas ao período de exílio vivenciado pelo autor na cidade espanhola de Valadolide, capital temporária da monarquia castelhana, então comandada por Filipe III. Para tanto, propomos, primeiramente, uma aproximação entre os conteúdos da *Fastigimia* e do *Fasti*, livro escrito pelo poeta latino Ovídio, ainda na Antiguidade. Em segundo lugar, nossa análise se deterá nas representações envolvendo portugueses e espanhóis presentes na obra de Veiga, perpassando as mais diversas temáticas da vida cotidiana. A partir desses procedimentos, conclui-se que o período de distanciamento do letrado de sua terra natal resultou na construção de uma narrativa híbrida que buscava interpretar o “lugar de destino” (Espanha) sempre a partir dos referenciais fornecidos pelo “lugar de origem” (Portugal). Longe de expressar uma ruptura traumática com as raízes portuguesas, na *Fastigimia* o autor concebeu e organizou aproximações e distanciamentos culturais entre lusitanos e espanhóis, povos integrados, naquele contexto político-social, através da União Ibérica (1580-1640).

Palavras-chave: Thomé Pinheiro da Veiga; *Fastigimia*; Valadolide; Exílio.

Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 24, n. 41, Dezembro de 2023

Iberian Exile: Bruno Romano Rodrigues
portuguese-spanish representations in fatigimia, by Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Thomé Pinheiro da Veiga (1604-1605). Humanas da USP – SP.

ABSTRACT

This article investigates the possible meanings of the work *Fastigimia*, written by the Portuguese scholar Thomé Pinheiro da Veiga, between 1604 and 1605. The analysis of representations relating to the period of exile experienced by the author in the Spanish city of Valadolide, capital, is prioritized. Castilian monarchy, then commanded by Philip III. Therefore, we first propose an approximation between the contents of *Fastigimia* and *Fasti*, a book written by the Latin poet Ovídio, still in Antiquity. Secondly, our analysis will focus on representations involving Portuguese and Spaniards present in Veiga's work, covering the most diverse themes of everyday life. From these procedures, it can be concluded that the period of estrangement of the literate from their homeland resulted in the construction of a hybrid narrative that sought to interpret the "place of destination" (Spain) always from the references provided by the "place of origin" (Portugal). Far from expressing a traumatic break with Portuguese roots, the analysis of *Fastigimia* would help to understand how the author conceived the cultural approximations and distances between Portuguese and Spaniards, integrated peoples, in that political-social context, through the Iberian Union (1580-1640).

Keywords: Thomé Pinheiro da Veiga; *Fastigimia*; Valadolid, Exile.

Introdução

No começo do século XVII, um dos lusitanos que se encontrava distante de sua terra natal atendia pelo nome de Thomé Pinheiro da Veiga, personagem que ao longo da vida desempenhou as funções de procurador da Coroa, desembargador do Paço e da Casa de Suplicação, vedor da Fazenda e Chanceler-Mor do Reino. Todos esses cargos foram exercidos por ele quando Portugal integrava a monarquia hispânica, sob a soberania dos Filipes. Mesmo após a Restauração de 1640, quando se rompeu o pacto político assumido nas Cortes de Tomar, em 1581, Veiga continuou exercendo relevantes funções administrativas, como a de procurador, por exemplo. Graças a seu apoio à causa brigantina frente aos espanhóis, ganhou destaque, em termos políticos, ao organizar as Cortes convocadas pelo rei D. João IV.

Nascido em Coimbra, não se sabe se em 1566 ou 1571, e falecido em 1656, em Lisboa, o personagem em questão era filho de Rui Lopes da Veiga e neto de Tomás Rodrigues da Veiga, ambos catedráticos da Universidade de Coimbra, o primeiro na área do Direito, e o segundo no curso de Medicina. Genealogicamente, seu tronco paterno era composto por cristãos-novos, ao passo que sua mãe, D. Helena Pinheiro, era descendente da Casa de Aboim. Durante a juventude, ingressou na universidade de sua cidade natal, obtendo o grau de bacharel em Leis no ano de 1593. Com esse título em mãos, seguiu carreira como magistrado e jurisconsulto¹ até o fim da vida.

Até hoje não se sabe ao certo o motivo pelo qual decidiu visitar Valadolide, na Espanha, quando contava cerca de trinta e cinco anos de idade, permanecendo na então capital hispânica durante oito meses, entre dezembro de 1604 e julho de 1605. Sob o pseudônimo de *Turpín*, tudo indica que essa estadia serviu de base para que Veiga escrevesse a *Fastigimia* (ou *Fastiginia*), obra difundida durante os seiscentos por meio de cópias manuscritas, e impressa somente no início do século XX, mais precisamente em 1911, em edição organizada por Sampaio Bruno. Nessa obra, é possível observar um autor extremamente atento aos aspectos cotidianos da Península Ibérica, tais como as pessoas, hábitos e lugares com os quais travou contato desde a sua saída de Portugal, passando por sua estadia em Valadolide, até o seu retorno. Salta aos olhos também a atenção concedida pelo autor aos meandros da vida cortesã espanhola, muitas vezes fazendo uso de ironia e sarcasmo para descrever pormenorizadamente os festejos, comemorações e demais eventos promovidos pelo séquito filipino, nos quais esteve presente, ou disse que esteve.

De viés humorístico e satírico, por assim dizer, o referido livro encontra-se dividido em três partes. A primeira, *Philipestrea*, aborda as cerimônias da semana santa e as celebrações do nascimento do príncipe herdeiro da coroa espanhola, Felipe IV, em 8 de abril de 1605. A segunda, *Pratilogia*, trata da vida cotidiana após a partida da família real. A terceira e última, *Pincigraphia*, consiste em uma detalhada análise do espaço urbano de Valadolide, com destaque para os aspectos históricos².

¹ Como jurisconsulto, Thomé Pinheiro da Veiga participou da comissão que, no começo da década de 1620, reprovou a publicação do livro *Do Justo Império Asiático dos Portugueses*, escrito pelo Frei Serafim de Freitas. Trata-se, curiosamente, de um lusitano radicado na mesma Valadolide sobre a qual Veiga escrevera quase duas décadas antes (CAETANO, 1983, p. 43).

² Em várias passagens da obra o autor buscou inserir e repercutir acontecimentos relativos não somente a Portugal e Espanha, mas

Concebida como um diário permeado por sucessivas comparações entre as sociedades portuguesa e espanhola, Veiga menciona “as duas vezes que estive na corte” (VEIGA, 1988, p. 211), e, em outra passagem, a “outra vês que cá estive” (Idem, pp. 116, 123). Tudo leva a crer que os sete meses contabilizados pelo autor, de fins de 1604 até metade de 1605 (Idem, p. 173), se referem a apenas uma de suas estadias na então capital do império espanhol. Isso porque, a termo da obra, Veiga mencionou os “dous anos que nella estive” (Idem, p. 329), deixando no ar certa dúvida quanto ao período exato em que viveu fora de Portugal. Descontando-se os sete meses dos tais dois anos, conclui-se que a(s) outra(s) estadia(s) teria(m) consumido mais que o dobro de tempo daquela que ficou conhecida através das páginas da *Fastigimia*.

Tudo leva a crer que o manuscrito original tenha sofrido reparações nos anos de 1607 e 1620, quando o autor já havia retornado a Portugal. Embora haja divergência quanto à publicação da referida obra em tipos móveis, fato sustentado no *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, de Inocêncio Francisco da Silva, e negado na *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado, até agora sabe-se da existência de doze manuscritos espalhados por diversas bibliotecas da Europa, a saber: nas municipais de Évora e do Porto³, nas nacionais de Lisboa, Paris e Londres, na da Universidade de Coimbra, nos fundos documentais da Real Academia de Língua Espanhola, em Madri, e na Academia das Ciências lisboeta. Há também as reproduções autógrafas que pertenceram aos portugueses José Pereira de Sampaio e Aníbal Fernandez Thomaz (DÍAZ-TOLEDO, 2007, pp. 312-313).

No âmbito dos estudos literários, destacam-se quatro enfoques principais sobre a obra de Veiga, elencados sumariamente a seguir. Em primeiro lugar, o letrado português tornou-se relevante em virtude de ter sido o primeiro autor a fazer referência textual à obra cervantina *Dom Quixote de La Mancha* (ÉMIEUX, 1958; DÍAZ-TOLEDO, 2007, pp. 309, 343), publicada na Espanha pela primeira vez em 1605. Em segundo lugar, parte da crítica identificou no estilo de escrita de Veiga um vanguardismo que teria dado início, ou antecipado, o narrador crítico e debochado que se consolidaria no cenário contemporâneo (ANGELINI, s/d, pp. 526-535), tornando sua obra um exemplo de literatura “jovial” e “desprendida” (SAMPAIO *in* VEIGA, 1988, p. 63). Em terceiro lugar, destaca-se a vertente que pôs em foco a alteridade entre portugueses e espanhóis. Para autores como Miguel Real, por exemplo, dos escritos de Veiga seria possível inferir a existência de uma suposta “consciência da inferioridade nacional face a Espanha” (REAL, 2013, p. 12), reforçando a “grandeza de um país e a pequenez do outro” (BELCHIOR *in* VEIGA, 1988, p. 12), em referência ao papel subalterno de Portugal durante a União Ibérica, vigente entre os anos de 1580 e 1640. Em quarto e último lugar, parte da

também ao cenário europeu. O mais importante deles dá conta da morte do papa Leão XI, a 27 de abril de 1605, sendo que a notícia consta já na seção do dia seguinte. Pouco tempo antes, a três de março, falecera o papa anterior, Clemente VIII. Embora Veiga não tenha deixado claro a qual dos pontífices fazia referência, tudo leva a crer que o personagem em questão é Alessandro Ottaviano de Médici, o qual permaneceu no cargo por apenas vinte e seis dias. Isso porque o autor afirmou ter havido “mais sentimento em sua morte que alegria em sua elleyção”. Mas o maior indício de que realmente se tratava de Leão XI, o Médici, subjaz aos comentários acerca da fama de vida diminuta e à piada de que os cardeais desejavam aos papas “pouca vida e pouca saúde” (VEIGA, 1988, p. 48).

³ Foi essa a versão editada, em 1988, pela Imprensa Nacional e a Casa da Moeda de Portugal, a qual utilizamos como base nesse artigo.

historiografia portuguesa, representada por Maria Belchior, concebe *Fastigimia* como relato de viagem, enquanto a espanhola a interpreta, via de regra, como um “libro de estância” (DÍAZ, 1989, p. 9), privilegiando o destino e não a origem de Veiga.

Admitindo e levando em consideração a importância e a viabilidade dos enfoques mencionados acima, o presente artigo visa analisar a prosa veiguista através da ideia de exílio, concebendo-a como esteio para melhor compreender as inúmeras aproximações e distanciamentos traçados pelo autor entre os reinos ibéricos. Por meio desse recorte temático, julgamos ser possível demonstrar de que maneira Veiga pôde estar “dentro” e “fora”, ao mesmo tempo, dependendo do lugar em que o observador (leia-se quem analisa a sua obra) se encontra. Em outras palavras, ao transmitir impressões e opiniões sobre um território estrangeiro, o letrado parece ter demonstrado, nas entrelinhas, como os referenciais socioculturais que perpassam a narrativa sobre o seu curto exílio em Valadolide permaneceram atrelados ao seu lugar de origem, fazendo de *Fastigimia* um ponto de inflexão capaz de seccionar sua estadia no estrangeiro de todas as outras experiências vividas anteriormente.

A *Fastigimia* como representação de um (breve) exílio ibérico

Para analisar a *Fastigimia* a partir da temática do exílio, faz-se necessário recuar no tempo a fim de recuperar uma tópica literária criada, ainda na Antiguidade, pelo poeta latino Ovídio. Apontada por Carlos Ascenso André como uma das características presentes na lírica humanista portuguesa, a tópica relativa à consciência do tempo e do espaço (ANDRÉ, 1992, pp. 82-83) pode expressar a maneira pela qual Veiga vivenciou e, mais que isso, narrou seu peculiar desterro em terras espanholas.

Em primeiro lugar, a forma e o conteúdo da *Fastigimia* podem apresentar semelhanças com o *Fasti*⁴, de Ovídio, livro que analisa as origens das tradições e rituais concernentes aos seis primeiros meses do ano do calendário, de janeiro a junho. Tudo indica que a segunda parte, dedicada ao último semestre, não tenha sido escrita em virtude da partida do poeta para a atual Romênia, onde cumpriu sua pena de exílio.

Gravados originalmente em lugares públicos, em paredes ou pedras, no Império Romano, os *fasti* ajudavam a orientar os populares quanto aos festejos mitológicos. Antes, porém, o termo “fastos” designava os dias em que havia atividade judicial ou expediente forense, e “nefastos” os dias em que não ocorria nenhuma das duas coisas. Oriundo, portanto, do Direito, o termo passou a expressar, pouco a pouco, toda e qualquer forma de cronologia, entrando em definitivo para o vocabulário latino e, posteriormente, para as línguas originadas do latim.

Em linhas gerais, a particularidade da obra ovidiana reside na ampliação do conceito de calendário, de modo a nele inserir as atividades cívicas (LOPES, 2010; MELLO E SOUZA, 1949, p. XIV; OVÍDIO, 2015, pp. 11-26). A este respeito, Maria Leal Soares fez o seguinte apontamento:

⁴ Em latim, *Fasti* significa calendários. Em português, o título da obra foi traduzido como *Fastos*.

A proposta de Ovídio é bastante ambiciosa, e ele a cumpre em sua íntegra: canta todo o tempo cíclico anual [...] rememorando os acontecimentos de diferentes tempos cronológicos do passado romano, trazendo à luz o poder, a história e a identidade do povo, tendo o cuidado de ainda acrescentar os dados astrológicos para algumas das comemorações (SOARES, 2007, p. 9).

Diante disso, aventamos aqui a possibilidade de Veiga ter se apropriado do título/mote da obra do escritor sulmonense, hipótese que pode conferir, caso confirmada, novos sentidos à *Fastigimia*. Assim, ao neologismo veiguista traduzido até agora como “fatos geniais”⁵, de acordo com o próprio autor português, seria possível agregar, segundo nossa hipótese, a acepção de “calendários” ou “tempos geniais”. Tomando de empréstimo a afirmação de Soares, pode-se dizer que, tal qual os *Fasti*, de Ovídio, a *Fastigimia* também se pauta pela divisão precisa do tempo, num contexto em que o “narrador apresenta-se como quem escreve dia a dia o fluir dos acontecimentos” (SOARES, 2007, p. 10).

Um dos indícios que apontaria para a viabilidade dessa comparação entre Veiga e Ovídio diz respeito ao período do ano no qual transcorrem as experiências do letrado lusitano em terra alheia: os meses de abril, maio e junho, por coincidência abordados também por pelo poeta latino. A partir dessas balizas temporais, a seguir tentaremos elaborar um breve exercício de comparação entre as abordagens de ambos os autores.

Dedicado à “célebre Vênus” (OVÍDIO, 2015, p. 185), o mês de abril retoma, na visão do poeta latino, a ascendência mitológica de Rômulo e Remo, além de se remeter, através do verbo *aperio*, à primavera e sua tradicional abertura das flores (Idem, pp. 189, 191). A atenção dada aos chamados “fundadores” de Roma (incluindo passagens que abordam a morte e o funeral de Remo e o aniversário da cidade) faria do período o mais importante de todo calendário: “Se dos Fastos, porém, te interessa uma parte, em abril debes, César, te atentares. Esse mês chega a ti por grande descendência, por nobreza adotiva é feito teu” (Idem, p. 185). Na *Fastigimia*, curiosamente, o dito mês abriga a narrativa acerca dos festejos pelo nascimento do príncipe herdeiro da coroa espanhola, Filipe IV, bem como os preparativos para a cerimônia de batismo do futuro rei. Chamada de *Philipstrea*, expressão que exprime a ideia de “estreia” de Filipe nessa parte do livro, Veiga discorreu sobre a euforia que se espalhou por Valadolide em decorrência da boa nova, sendo digno de nota o “excesso com que os Hespanhoes amam o seu Principe” (VEIGA, 1988, p. 57). Aqui a função de *aperio* exprimiria a renovação da monarquia castelhana por meio do nascimento do varão que manteria sua dinastia no poder.

Na obra ovidiana, a etimologia de maio se desdobra em pelo menos três acepções: 1. Homenagem a *Maiestas*, responsável pela majestade dos deuses (OVÍDIO, 2015, p. 243); 2. Alusão a *magnus*, indicando a preponderância dos “maiorais” ou dos idosos (Idem, pp. 245, 263); 3. Emulação a Maia, progenitora de Mercúrio e amante de Júpiter (Idem, p. 245). Levando em consideração o conteúdo da *Fastigimia*, o letrado português parece ter se aproximado dos dois primeiros motes, relativos à ideia de majestade. Isso porque, entre

⁵ Título completo da obra: “FASTIGIMIA, OV FATOS GENIAES. Tirados da tumba de Merlim, cõ a demanda do Santo Grial pelo Arcebispo D. Turpim. Descubertos, e tirados a luz, pelo famoso Lusitano Fr. Pantaliaõ de Aueiro, q os achou em hu Mosteiro de Calouros, cõ o seu itinerário”.

outros acontecimentos, nesse mês o relato de Veiga pôs em destaque três cerimônias protagonizadas pela nobreza castelhana. A primeira se refere à cerimônia do beija-mão do rei e da rainha por parte do embaixador inglês. A segunda abordou ao faustoso batismo real Filipe IV, testemunhado, segundo o autor, por “Alcades da Corte” que mais pareciam “senadores romanos” (VEIGA, 1988, p. 78), e realizado pelo “mais rico senhor ecclesiastico de Hespanha e ainda da christandade abaixo do papa [...]” (Idem, p. 61). Já a terceira, versa sobre a romaria liderada pela rainha com o intuito de oferecer o príncipe recém nascido à Nossa Senhora do Lorente.

Quanto a junho, Ovídio sugere novamente três possibilidades de interpretação: 1. Referência a Juno, desposada por Júpiter (OVÍDIO, 2015, pp. 285-287); 2. Sinônimo *iuuenes*, alusiva a jovens (Idem, p. 289); 3. Derivação de *iungere*, que exprime a ideia de “juntar”, “unir” (Ibidem). Ao que tudo indica, Veiga parece ter incorrido na última opção, pois, ao abordar os primeiros dias do sexto mês de 1604, o autor privilegiou o fato de que “se juntaram os fidalgos todos” (VEIGA, 1988, p. 91) em virtude dum passeio da realeza espanhola sediada momentaneamente em Valadolide. Nessa passagem, o autor fez questão de citar nominalmente cada um dos príncipes, embaixadores, duques, marqueses, condes, eclesiásticos e “outros senhores” que haviam participado do dito evento, além de dois banquetes públicos que contaram com a presença da delegação britânica e do monarca castelhano em pessoa, pouco tempo antes de sua partida para Burgos, entre os dias vinte e um e vinte e dois de junho do referido ano.

A vida em terra alheia: um relato a partir das origens

Em busca de conhecer o lugar onde experienciou seu exílio, Veiga dedicou a última parte da *Fastigimia*, intitulada *Pincigraphia ou Descrição e historia natural e moral de Valhadolid*, às características urbanas e geográficas da cidade em questão. Segundo a chave interpretativa proposta por Carlos Ascenso André, a atenção do exilado ao espaço físico em que vivencia sua proscricção opera na lógica da “necessidade de contrapor os lugares de outrora aos actuais” (ANDRÉ, 1992, p. 53). Nessa perspectiva, a descrição minuciosa das paisagens estrangeiras sempre terá por parâmetro a genésica terra. No caso de Veiga, essa descrição começa por Coimbra, sua cidade natal, ocasião em que o autor estabeleceu paralelos entre a igreja de *San Benito* e o rio *Pisuerga*, e o templo coimbrese de Santa Cruz e as águas do Mondengo. Em relação à Lisboa, as comparações privilegiaram suas supostas vantagens urbanísticas, muito embora, segundo o relato, a “mais fermoza Praça cercada de cazas que ha em Hespanha” (VEIGA, 1988, p. 335) equivallesse ao tamanho de dez rossios lisboetas. A capital portuguesa também seria superada por Valadolide em número e qualidade de “cazas grandes” e igrejas paroquiais (Idem, p. 331), entre outras edificações.

Os paralelos realizados ao longo da obra também estenderam-se para temas da vida cotidiana, como a queixa em relação ao lodo que se acumulava nas ruas de Valadolide com certa frequência, fazendo com que os calçados e roupas não durassem tanto quanto em Portugal. No ramo da culinária, os lusitanos se sobressaiam, de acordo com o autor, apenas nas aves, vinhos tintos e marmelos. Já os espanhóis, levariam larga vantagem nas carnes de pato, carneiro e vaca, e ainda nas bergamotas, peras e cerejas. Veiga ressaltou ainda a abundância

castelhana no que se refere a trutas, rãs e caracóis, à qualidade do vinho branco, dos licores de ginja, do requiejão e da manteiga, assim como do melão, uva e limão.

Além da qualidade dos gêneros alimentícios, o letrado dizia admirar a “liberdade” e “nenhuma inveja” cultivadas pelo povo vizinho, acrescentando, de maneira irônica, que Lisboa seria a “melhor terra que cobre o sol” (Idem, p. 361) caso habitada por castelhanos, índios ou negros. Seguindo essa toada, o futuro procurador da Coroa afirmava ser

[...] a gente de Valhadolid facil na conversação, aprazivel no trato [...] aguda e graciosa nas palavras e bem inclinada em todo o seu proceder, e gente verdadeiramente cortezãa nas obras e razoens, muy amigos de levar boa vida e de comer e vestir largo e esplendidamente e sempre com alegria [...] (Idem, p. 353).

O trato com os nascidos naquela cidade seria “facilissimo” e a “liberdade muyta” (Idem, p. 245), além de serem considerados “cortezãos no fallar” (Idem, p. 216). Assim, a estirpe espanhola seria digna de “ser perpetuamente envejada e imitada” (Idem, p. 358), elogio que obrigava o autor, segundo suas palavras, a “dizer mal dos meus naturaes” (Idem, p. 359). Em demonstrações de respeito mútuo, narrou o caso de uma mulher flamenca que considerava os portugueses “muy calientes de corazon” (Idem, p. 115). Noutra passagem, opôs a “cortesia de todos” (Idem, p. 33) com o inadequado costume lusitano de dar beliscões nas pernas e nos braços das pessoas. Comparou também a alegria dos espanhóis com a melancolia de seus conterrâneos, seguindo a máxima de que os primeiros viviam como se não fossem morrer e os últimos morriam como se não tivessem nascido para viver.

A alegria castelhana se contrapunha, portanto, à “carranca” (Idem, p. 356) dos lusitanos, sendo o retorno do autor ao solo pátrio narrado da seguinte forma:

Em descobrindo o Portugalete, se nos mostrou com huma cara de vilãozinho, encarquilhada, muy trefo, tudo penedos escabrozos e montes, sem nenhuma lhaneza, muita silveyra e a terra partida aos palmos com suas paredinhas, como quem diz: isto é meu, não é teu, não me furtas as minhas uvas. [...] Enfim [...] tudo tão diferente da largueza dos ânímos de Castella (Idem, pp. 316-317).

Parte substancial da importância atribuída aos vizinhos reside na fama de que estes acumulavam grande fortuna, sendo “hoje a mayor que ha no mundo” (Idem, p. 99). Tal ideia baseava-se na observação das cerimônias régias de “maior grandeza que nenhum Principe pode mostrar” (Idem, p. 84), bem como nos luxuosos banquetes que ostentavam a “mais fermoza e mais rica baixella” (Idem, p. 110). Símbolos do fausto, tanto o ouro quanto a prata Veiga disse ter visto em “muyta quantidade” (Idem, p. 224), chamando atenção para o quão “destemida he no gastar esta gente” (Idem, p. 117). Para o escritor, tamanho acúmulo material tinha justificativa: na Espanha a elite rural concentrava vastas extensões de terras, ao passo que em Portugal elas teriam sido doadas como dote nos casamentos da nobreza.

Peça chave na política de matrimônios, a figura da mulher recebeu destaque em algumas passagens da

Fastigimia. As compatriotas do letrado superariam as castelhanas na prática da escrita e, em termos físicos, na beleza dos seios, perdendo apenas no quesito expressão oral. Sobre as discrepâncias observadas no comportamento feminino, Veiga lamentava tanto as espanholas desfrutarem de uma experiência que “lhes fás não querer apertos de religião” (Idem, p. 347), quanto as portuguesas serem “cartuxas”, sinônimo de recatadas. Em certo momento o autor fez menção a uma dama que não trazia “na boca a liberdade de castelhana”, pois levava nos “olhos as prizoens e sujeição de Portuguesa” (Idem, p. 318). A “modéstia” e o “recolhimento” femininos foram tidos, noutra parte da obra, como “o mayor bem” (Idem, p. 146), servindo para condenar o “cativeiro servil” (Ibidem) em que muitos lusitanos mantinham suas filhas e esposas. Nesse mesmo trecho, o autor complementa o seu raciocínio sobre a misoginia do homem lusitano afirmando que as mulheres portuguesas eram tratadas como se não fossem “nossas irmãs e filhas dos nossos pais”, e nem “cristãs e bichinhos que bolem e sabem falar” (Ibidem).

No âmbito identitário, atribui-se determinadas características aos povos da região de acordo com as circunstâncias apresentadas ao viajante-exilado. No que se refere ao olhar estrangeiro sobre a Península Ibérica, Veiga conta que um embaixador (de não se sabe qual nacionalidade) teria afirmado que Portugal “parecia terra dada em dote a genro e não a filho” (Idem, p. 43). Com o mesmo sarcasmo, outro deles teria se referido ao país como “culus mundi” (Ibidem). Já um anônimo mercador de origem francesa, teria dito que o aragonês era “gente muy corioza e polida”, o castelhano “affavel”, e o português “não sabia fallar mais que em merda” (Idem, p. 251).

A reboque desses exemplos, é possível apreender, ao longo da *Fastigimia*, uma extensa lista de atributos negativos imputados aos lusitanos, a exemplo da fama de “sujos”, “ensebados” e “mal vestidos” (Idem, p. 267). Em dada ocasião, o próprio Veiga disse ter sido xingado de “sevoso” (Idem, p. 37), aproveitando para se queixar em relação ao “desprezo dos Castilhanos” (Idem, p. 120) e ao costume que tinham “de zombar da nossa soberba e vaidade” (Idem, p. 175), ou de simplesmente “zombar” (Idem, p. 247). Sobre isso, é digna de destaque, a sua insatisfação com a imitação que um grupo de castelhanos “velhacos” fazia da “portuguesada” (Idem, p. 43). Em resposta a uma dama de corte que havia perguntado se todos os seus patrícios eram loucos, o autor teria dito que eram insanos na mesma medida em que os espanhóis “cornudos” (Idem, p. 247). Seu repúdio ficou ainda mais nítido quando disse ter sido acometimento de uma doença em razão da qual não queria morrer longe de casa, já que, nessa circunstância, “Castella era Inferno” (Idem, p. 57). Na esfera religiosa, o autor comparou os pregadores ibéricos, não restando dúvidas, segundo ele, da superioridade dos lusitanos sobre os “charlatães muito solto nas palavras” (Idem, p. 25), em referência aos prelados castelhanos.

Sempre voltado para os referenciais relativos à sua terra natal, na prosa de Veiga, a ideia de pertencimento aparecerá diretamente ligada à experiência do curto e intenso exílio vivenciado por ele em Valadolide.

Cheguei, finalmente, a beijar a doce terra de minha amada patria, livre do cativo de tanta liberdade, representando-se-me aos olhos com tão fermoza vista que conheci que nos deu a natureza amor e inclinação á propria terra, donde recebemos o ser e o mantimento, que se foy convertendo nestes corpos e os dos nossos passados nella.

Por isso o amor da patria he como o amor proprio e natural [...] Alem disso, a lembrança daquelles primeyros anos da nossa mocidade se representa com a mesma saudade e suavidade de amor como do melhor tempo que tivemos e em que comessamos a gostar da vida, sem o pezadume dos cuidados dela (Idem, p. 317).

Do trecho acima reproduzido, infere-se uma comparação entre o “amor da pátria” e o “amor próprio”, síntese de um dos traços mais marcantes da relação estabelecida entre o letrado e sua terra natal ao longo da *Fastigimia*. Curiosamente, a revalorização de sua cultura primitiva deriva de sua ausência do território português. Nessa perspectiva, nota-se que somente após Veiga ter saído de seu lugar de nascimento é que a importância dele parece ter aflorado, ou, pelo menos, ampliado a sua abrangência. Base de toda a sua narrativa em forma de diário, bem como das sucessivas comparações entre os reinos ibéricos naquele momento histórico, a ideia de alteridade permeia praticamente todas as representações formuladas ao longo da obra, sejam elas laudatórias ou pejorativas para portugueses e espanhóis.

No ápice de sua comoção, já na parte final da obra, Veiga afirmou que, após o retorno a Portugal,

Depois emfim dos abraços dos Irmãos e lagrimas das Irmaãs e dos parentes, comecei a me namorar mais da modestia e sujeição da nossa Pátria, que das aparencias phantásticas das estranhas; e conformou-me nesta feé cazo com que darei fim á minha jornada” (Idem, p. 318)

Logo a seguir, o letrado arrematou da seguinte forma:

Concluo, senhor, com que, pelo que tenho visto da nossa Patria, da honra, modestia e termo com que se trata o amor; protesto que vivia enganado, e para confusão minha deixo esta memoria, porque só cá se quer bem, que estas são as virtudes da virtude: renderem e namorem athe os inimigos della, por que deixam mais penhorados os disfavores Portuguezes que todas as larguezas de Castella; e por isso me atrevi a viver lá com mais liberdade, como quem se não temia que houvesse couza que lha tirasse (Idem, p. 320).

Além dessas digressões de viés comparativo, na *Fastigimia* expressões como “desterro” e “degredo” foram utilizadas apenas em algumas circunstâncias, como no trecho em que o autor explicou a punição sofrida pelo neto do Marquês de Mondejar, em decorrência de um amor proibido, e quando definiu o estatuto do filho desta relação, respectivamente. Ainda em referência a terceiros, o desterro entrou em cena para exprimir o castigo imposto a quatro religiosos acusados de desobediência. No que se refere à sua trajetória particular, e sempre no intuito de conferir significados às experiências adquiridas por ele no exterior, o futuro chanceler-mor do reino recordou um aristocrata que o teria considerado, junto a outros amigos seus, “sempre como desterrados” (Idem, p. 263). Noutra oportunidade, narrou a calorosa despedida entre “todos os que vinhamos desterrados em companhia” (Idem, p. 301). Após a saudação, disse que “desterrávamos para nossas pátrias”. Além da ideia que exprime a saída de um lugar originário, neste último exemplo, curiosamente, o exílio de Veiga compreende também o ansiado retorno ao lugar que o vira nascer.

Considerações finais

Tendo em vista as problemáticas levantadas até o presente momento, extraímos as seguintes conclusões: Em primeiro lugar, nota-se que Veiga esteve longe de recusar os costumes estrangeiros, procurando se abrir para as novidades observadas em Valadolide. Em certos momentos, inclusive, sua narrativa do cotidiano sugere um elevado nível de assimilação da cultura do lugar em que vivenciou o seu exílio-viagem, em que pese a sua intensa apropriação do idioma espanhol, fator que quase faz da *Fastigimia* uma obra bilíngue. Tomando de empréstimo os termos propostos por José Ibáñez para o período em questão, pode-se dizer que a ambientação do letrado lusitano na monarquia hispânica não residiria tanto no fato dele ter se aferrado a uma “identidade”, mas no anseio de tentar se adaptar “aos interlocutores e às conjunturas” (IBÁÑEZ, 2011, p. 127) encontradas em terra alheia. Isto é, menos do que uma identidade rígida ou estática, o texto veiguista revelaria uma constante negociação entre o “lugar de origem” e o “lugar de destino”, maleabilidade literária que se expressa por meio de uma prosa sinuosa, repleta de idas e vindas, e, em muitos momentos, ambígua e repleta de contradições.

Pautado nas suas experiências, Veiga parece se enquadrar, segundo a terminologia de Carlos Ascenso André, nas “características odisséicas do regresso” (ANDRÉ, 1992, p. 113), no sentido de que suas percepções são construídas a partir da certeza do retorno a Portugal e, portanto, do caráter efêmero do distanciamento. Conseqüentemente, o assim chamado tempo presente é alçado a protagonista em toda a *Fastigimia*, com destaque para o que Edward Said chamou de “consciência de dimensões simultâneas” (SAID, 2003, p. 59), aspecto que compreende, nesse caso, a observação comparativa das realidades portuguesa e espanhola. Impregnado pela sensação de retorno em um futuro breve, e pelo controle do tempo (por meio do calendário) e do espaço (por meio da narrativa voltada para o aspecto urbanístico), o relato do dia a dia em terra alheia emancipa o presente do “antes” e do “depois”, conformando uma prosa que está longe de expressar rupturas traumáticas entre essas temporalidades. Visto a partir do lugar de origem e não somente da recepção, o desterro de Veiga adquire, portanto, um sentido nítido. Na *Fastigimia*, ele se encontra pautado nas aproximações e distanciamentos culturais dos ibéricos, povos integrados, naquela altura, como talvez em nenhum outro momento da história da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Carlos Ascenso. **Mal de ausência: o canto do exílio na lírica do humanismo português**. Coimbra: Livraria Minerva, 1992.

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. **Fatos geniais: o lugar de Thomé Pinheiro da Veiga na tradição de narradores dramatizados na literatura portuguesa**. Rio Grande do Sul, s/e, p. 526-535, s/d.

CAETANO, Marcello. “Introdução”. In: Freitas, S. de. **Do Justo Império Asiático dos Portugueses (De Iusto**

Imperio Lusitanorum Asiatico). Tradução de Miguel Pinto de Meneses. Vol. I. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

DÍAZ, José. “Presentación”. In: VEIGA, Thomé Pinheiro da. **Fastigimia. Vida cotidiana en la corte de Valladolid**. Valladolid: Ambito, 1989.

DÍAZ-TOLEDO, Aurelio Vargas. **Fastigimia de Tomé Pinheiro da Veiga. Edición de los días 10 y 28 de junio de 1605: primer documento de la recepción del Quijote**. *Anales Cervantinos*, Madrid, v. XXXIX, p. 312-313, 2007.

ÉMIEUX, Annick. “La Fastigimia” (1605) de Pinheiro da Veiga. Ou la vie et la littérature à Valladolid, capitale de l’Espagne. *Bulletin Hispanique*, Paris, v. 60, n. 2, p. 226-229, 1958.

IBÁÑEZ, José Javier Ruiz. “Servir segundo a dignidade: exílios políticos e administração real na Monarquia Hispânica (1580-1610)”. In.: MONTEIRO, Rodrigo Bentes; FEITLER, Bruno; CALAINHO, Daniela Buono; FLORES, Jorge. **Raízes do Privilégio: mobilidade social no mundo ibérico do Antigo Regime**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 105-132.

LOPES, Eliana da Cunha. **Os Fastos: festas e rituais pagãos de dedicados à deusa Ana Perena**. *Soletras*, São Gonçalo, n. 19, p. 80-90, 2010.

MELLO e SOUZA, João Batista de. “Prefácio”. In: Ovídio/ Horácio. **Os Fastos/Sátiras**. Volume IV. Traduções de Antonio Luís Seabra e Antonio Feliciano de Castilho. RJ-SP-PA: Clássicos Jackson, 1949.

OVÍDIO. **Fastos/Fasti**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior; revisão da tradução de Júlia Batista Castilho de Avellar. Edição bilingue: português/latim. 1ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

REAL, Miguel. **Nova teoria do sebastianismo**. Lisboa: Dom Quixote, 2013.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOARES, Maria Lia Leal. **Ovídio e o poema calendário: Os Fastos, Livro II, o mês das expiações**. 2007. 85 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VEIGA, Thomé Pinheiro da. **Fastigimia**. Reprodução em fac-símile da edição de 1911 da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Prefácio de Maria de Lurdes Belchior. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.